FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**: Tradução Horácio Gonzales (et. al), 24ª edição atualizada, São Paulo: Cortez, 2001.

FRANCISCO, Antônio. **Os animais têm razão**. 1ª edição, Fortaleza: Imeph, 2010.

Reflexão sobre a prática docente no ensino de disléxicos

Jefferson Ferreira Lima

RESUMO

Um dos primeiros registros de dislexia foi em 1896, quando o médico inglês W. Pingle Morgan identificou um garoto de 14 anos, que pelas descrições dos professores era brilhante oralmente, mas possuía uma enorme dificuldade em aprender a leitura. Muito diferente do que se pensa a dislexia não é um impeditivo para o desenvolvimento escolar, ela é definida como um transtorno específico de aprendizagem. A dislexia está relacionada a uma dificuldade de aprender a ler e escrever, sendo sua origem neurológica, não está associada a distúrbios de audição e fala, confundido em certos momentos. O objetivo desse artigo é promover uma reflexão sobre a prática docente em relação a essas dificuldades e questionar, a fim de promover uma percepção real do problema, que muitas vezes é interpretado errado e não tem um acompanhamento adequado. Há uma responsabilidade sobre a escola de lidar com possíveis casos realizando testes específicos, informando a família, acionando uma rede de apoio e multidisciplinar que se responsabilizará pelo diagnóstico da dislexia. Ter clareza da condição do estudante disléxico permite que a família e a sociedade sejam menos excludentes e tomem medidas colaborativas para sanar as dificuldades que o disléxico possui. Quanto antes for detectado o transtorno melhor serão os resultados de aprendizagens, desde que bem acompanhadas por um atendimento individualizado, tendo em mente que esse transtorno não é resultado de uma má alfabetização, baixa inteligência ou questões econômicas. Compreender as necessidades dos educandos, de uma maneira geral, promover um ambiente de aprendizagem que utilize todos os recursos possíveis para levar o estudante ao conhecimento é uma missão que exige um comportamento crítico e comprometido de todas as esferas da educação dentro e fora da escola, dever que evolve o Estado a família e a sociedade em proporções que hoje estão deixando a desejar.

PALAVRAS-CHAVE: Distúrbio. Dislexia. Inclusão. Intervenção. Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A dislexia tornou-se um transtorno ou uma perturbação ao nível de leitura, pois toda criança disléxica é um mau leitor, a leitura não traz sentido e sua compreensão é dificultada. O fato mais curioso é que são crianças inteligentes e habilidosas em tarefas manuais.

Dizer que o fracasso escolar possui um responsável, sendo escola ou o próprio aluno, ou mesmo culpar as famílias, condições sociais e culturais não minimiza o fato que esses educandos precisam de ajuda. Esta série irá abordar a complexidade da tarefa educacional e dos fatores que interferem decisivamente nas possibilidades de uma escolaridade satisfatória para todos.

Aspectos gerados na escola contribuem com a exclusão ou inclusão dos alunos no sistema educacional, não é raro alunos que possuem dificuldades na aprendizagem serem alvos de exclusão social.

A forma como o os protagonistas dessa relação discente e docente se enxergam influencia diretamente a compreensão do estudante nas suas representações de respeito, autoestima, auto imagem e sua capacidade de desempenho escolar.

Os conhecimentos construídos na experiência escolar geram representações que não são facilmente observáveis para o professor, é necessário um olhar crítico, mas acolhedor e que promova em sua prática diária o preparo para a convivência com as diferenças encontradas na sala de aula.

Entre todas os tipos de dificuldade de aprendizagem, a dislexia merece uma atenção especial, pois refere-se à incapacidade parcial que a criança ou adulto têm de compreender o que se lê, mesmo com todas as suas outras habilidades e competências mantidas, independente da sua condição física.

Estudos mostram que a dislexia possui origem neurológica. Caracteriza-se pela dificuldade na habilidade de decodificar ou soletrar. Todas essas dificuldades resultam no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas. (EDIR, MATOS, MEIRA, 2020)

É comum que famílias com nível econômico maior levem seus filhos em psicólogos e neurologistas, ou mesmo a um psicopedagogo quando detectam tal deficiência, enquanto as famílias com menor poder econômico deixam a cargo da escola, sem nenhum acompanhamento específico, a aprendizagem desse estudante, podendo agravar a dificuldade fazendo com que persista até a fase adulta. Os problemas que podem ser desencadeados por essa falta de aprendizagem são inúmeros e colaboram ainda mais para a exclusão social desse estudante.

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

A escola lida com as múltiplas fases do desenvolvimento infantil. A transição do brincar para o estudar é marcada pela decodificação, seja de imagens, textos e posteriormente números, ou de conteúdo específico como gráficos, tabelas, mapas conceituais.

A dificuldade de leitura relacionada a dislexia se isenta de relações com outros distúrbios devendo ser descartada a associação dessa dificuldade com o termo distúrbio, definido em termos de domínio operacional coerente.

A dislexia ao contrário do que se pensa não é o resultado de uma má alfabetização, de uma condição econômica baixa ou mesmo de baixa inteligência. Para compreender o conceito de dislexia, devemos primeiramente conhecer a origem da palavra. Segundo Maria Eugênia Ianhez e Maria Angela Nico (2002) "Ao desmembrarmos a palavra, de imediato temos a primeira noção básica do que vem a ser a dislexia. DIS = distúrbio; dificuldade; LEXIA = leitura (do latim) e/ou linguagem (do grego); DISLEXIA = distúrbio de linguagem." (IANHEZ; NICO, 2002, p.25). Em nosso contexto serve para qualificar o transtorno do aprendizado da leitura, escrita e soletração, esse transtorno atinge cerca de 10 a 15% da população mundial.

Por se tratar de uma complicação neurológica dentre muitas as possibilidades que podem causar uma dificuldade de aprendizagem, a dislexia deve ser avaliada e diagnosticada por uma equipe multidisciplinar que possa constatar o indivíduo disléxico, sendo que essa avaliação deve dar condições para um acompanhamento adequado das dificuldades de cada um.

Nem todos os educandos com dificuldade e problemas de leitura são diagnosticados disléxicos, por isso a identificação envolve uma prática diária em conjunto com profissionais externos, mas com soluções endógenas, advindas do próprio ambiente escolar. O professor como agente educador deve ter qualificação referente à pedagogia da escrita e construir uma consciência fonológica dos sons e da fala, a partir desse processo o educando passará a pensar melhor ao escrever palavras com letras simétricas e superar os "saltos" de grafemas comuns a criança disléxica.

Ler é superar desigualdades, é ir além dos vocábulos, interpretar, criar, compreender e descobrir, por isso a percepção do transtorno tardia pode acarretar ainda mais complicações ao estudante e lidar com isso sem o apoio da família gera frustrações na vida acadêmica que podem ir além da sala de aula.

Esses alunos com dificuldades comumente são isolados e suas limitações podem levar a comportamentos agressivos de indisciplina. Sabe-se também que notas baixas levam os alunos a não refletirem as suas limitações linguísticas tornando-os maus leitores, gerando um sentimento de rebeldia que culmina em baixo rendimento escolar. A relação da leitura e a cultura ficam evidentes nesses casos e quanto menos cultura e conhecimento mais vulneráveis à violência a criança se torna.

Ademais é preciso que todos, sobretudo os educadores estejam atentos ao observar na fase de alfabetização que muitas crianças trocam fonemas, podendo refletir na formação linguística inicial da criança.

É muito comum que muitos educadores ao ensinar as formações fonéticas com 5 vogais gerem na construção do educando uma compreensão inadequada, sabemos que em uma visão fonética existem 12 vogais que são os sons da fala, ou seja nesse contexto vogais não são letras e sim fonemas, isto é, unidades sonoras distintas da palavra. As letras, que representam as vogais ou sons da fala, têm estreita relação com a escrita. Não obstante, a escrita não é espelho da fala. Como se diz, não é necessariamente como se escreve. (MARTIN, 2002)

Os pais devem estar atentos quanto a articulação desses fonemas na fala espontânea, pois podem influenciar como resposta ao perceber as diferenças de sonoridade.

O TRABALHO ESCOLAR COM ALUNOS PORTADORES DE TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Descer, subir, espaço e lateralidade são itens fáceis de compreender para um adulto, mas difícil para crianças, observarem as letras por sua vez podem possuir formas semelhantes na escrita e mesmo assim produzem sons distintos. Revelar que a língua é histórica e têm influência em outras línguas antigas de signos, marcas e símbolos distintos colaboram com a construção da decodificação, primeira etapa da leitura proficiente. A história das letras do alfabeto deve fundamentar o ensino na fase infantil.

Os erros mais comuns na fase inicial de alfabetização provêm da lateralidade. A repetição e treino são ferramentas úteis na superação das dificuldades na compreensão dessa decodificação, inclusive na articulação labial, a criança deve observar o movimento labial que é feito para certos fonemas. Um exercício antigo e prático pode ser a articulação de uma palavra e em seguida pedir que a criança repita o movimento labial.

A DISLEXIA NA ESCOLA

Os primeiros indícios de distúrbios de leitura acontecem em 1896 quando o médico inglês W. Pingle Morgan descreve,

[...] um jovem brilhante de quatorze anos, rápido em jogos, mas que tinha grande dificuldade para aprender a ler, cujos

professores achavam que poderia ser o melhor aluno da classe se toda a instrução fosse dada oralmente. (PINGLE apud SANTOS; NAVAS, 2002, p.28).

A percepção do problema da dislexia acontece à medida que testes de leitura são aplicados. É comum relatos de escolas do ensino básico e superior a existência de alunos brilhantes com níveis inaceitáveis de interpretação. À medida que os educadores buscam formas alternativas de avaliação, como avaliação oral e de participação, sem o devido acompanhamento, torna-se um inibidor do progresso do educando e acomoda sua situação.

Ter clareza da necessidade afim de sanar as dificuldades é o caminho a ser seguido para o desenvolvimento de aprendizagens realmente significativas. Quanto antes for detectado o transtorno melhor serão os resultados de aprendizagens, desde que bem acompanhadas por um atendimento individualizado.

Ser disléxico não é uma circunstância impeditiva na escola, a criança mesmo disléxica pode ser, até, superdotada, com capacidades de liderança, criatividade elevada e alto grau de produtividade, entender como o transtorno afeta o indivíduo é a forma mais eficaz de escolher a ação que melhor se adequa a sua necessidade de aprendizagem.

TRABALHANDO COM AS PALAVRAS

Para o reconhecimento das palavras iremos utilizar duas rotas a fonológica, também conhecida como indireta, e a rota visual, também chamada de léxica-direta.

A primeira rota permite ler os textos, segmentando, através da metalinguagem, ou em sílabas, sons (fonemas). O leitor alcança a chamada consciência fonológica. Esta rota é o caminho de método fônico de leitura. Ela discrimina sons correspondentes a cada uma das letras ou grafemas que compõem a palavra. Por esse caminho a criança pode ler palavras menos frequentes (pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico), a maior palavra da nossa Língua, desconhecidas e até pseudo palavras (MARTINS, 2002).

Por ela lemos qualquer palavra na nossa língua, pois, a rigor, nosso idioma não possui formas irregulares, impossíveis de serem lidas (exceto os estrangeirismos).

O processo indireto é mais lento e mais extenso até o reconhecimento da palavra, porém, não é menos importante.

O processo direto é mais rápido e envolve a pronúncia imediata sem que aconteça a análise dos signos que a compõem.

Passos da leitura visual:

Analisar globalmente a palavra escrita: análise visual;

Chegar ao significado no léxico interno (vocabulário);

Recuperar a pronunciação no caso de leitura em voz alta pela forma direta, pode-se explicar a facilidade de reconhecer as palavras cujas imagens visuais temos visto com muita frequência. Ou seja, nessa rota lemos o que são familiares a nível de escrita. Ela é a base para o método global de leitura (também chamado construtivista).

Os dois métodos não se excluem e podem coexistir tornando a leitura hábil. Enquanto a leitura se desenvolve intensificamos a estratégia direta, ou ambas ao mesmo tempo. Aprender o processo linguístico permite ao educando se servir não só da língua mãe, mas também para as demais disciplinas escolares. Um cálculo tem muito mais a ensinar além do resultado.

Além desses métodos apresentados, a Associação Nacional de Dislexia (AND) elenca algumas sugestões para que o professor possa garantir o sucesso na aprendizagem do aluno, são elas:

Certifique-se de que as tarefas de casa foram compreendidas e anotadas corretamente; Certifique-se de que seu aluno pode ler e compreender o enunciado ou a questão. Caso contrário, leia as instruções para ele; Leve em conta as dificuldades específicas do aluno e as dificuldades da nossa língua quando corrigir os deveres; Estimule a expressão verbal do aluno; Dê instruções e orientações curtas e simples que evitem confusões; Dê "dicas" específicas de como o aluno pode aprender ou estudar a sua disciplina; Oriente o aluno sobre como organizar-se no tempo e no espaço; Não insista em exercícios de fixação repetitivos e numerosos, pois isso não diminui a sua dificuldade; Dê 49 explicações de "como fazer" sempre que possível, posicionando-se ao seu lado; Esquematize o conteúdo das aulas quando o assunto for muito difícil para o aluno. Assim, a professora terá a garantia de que ele está adquirindo os principais conceitos da matéria através de esquemas claros e didáticos; "Uma imagem vale mais que mil palavras": demonstrações e filmes podem ser utilizados para enfatizar as aulas, variar as estratégias e motivá-los. Auxiliam na integração da modalidade auditiva e visual, e a discussão em sala que se segue auxilia o aluno organizar a informação. Por exemplo: para explicar a mudança do estado físico da água líquida para gasosa, faça-o visualizar uma chaleira com a água fervendo; Não insista para que o aluno leia em voz alta perante a turma, pois ele tem consciência de seus erros. A maioria dos textos de seu nível é difícil para ele. (DISLEXIA..., 2014)

No convívio social, com suas famílias, na interação com seus vizinhos e colegas de escola as crianças não aprendem informações linguísticas, mas acabam por deduzir com base na fala, dessa forma podemos comprovar a existência de multimeios de aprendizado. Porém a escola tem a função de apresentar formas didaticamente eficazes que não sejam baseadas em senso comum e sim no estudo relacionando o lúdico ao concreto. A leitu-

ra precisa fazer sentido para a criança, muitos que não compreendem esse papel acabam por transformar-se em analfabetos funcionais, portanto a interpretação é um processo especialmente importante a indivíduos disléxicos, tanto quanto a decodificação de um gênero textual.

De acordo com Ianhez e Nico (2002), a dislexia apresenta sintomas diferenciados de outros distúrbios, sendo eles:

Desempenho inconstante; Demora na aquisição da leitura e da escrita; Lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; Dificuldade com os sons das palavras e, consequentemente, com a soletração; Escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; Dificuldade em associar o som ao símbolo; Dificuldade com a rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); Discrepância entre as realizações acadêmicas, as habilidades linguísticas e o potencial cognitivo; Dificuldade em associações, como, por 46 exemplo; associar os rótulos aos seus produtos; Dificuldade para organização sequencial, por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, tabuada etc.; Dificuldade em nomear objetos, tarefas, etc.; Dificuldade em organizar-se com o tempo (hora), no espaço (antes e depois) e direção (direita e esquerda); Dificuldade em memorizar números de telefone, mensagens, fazer anotações, ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata; Dificuldade em organizar suas tarefas; Dificuldade com cálculos mentais; Desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; Persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 26-27).

O enfoque da Psicolinguística, ramo concorrente da Psicologia Cognitiva e da Linguística Aplicada, julgam a capacidade de ler tarefa árdua. A compreensão leitora inicia com processos perceptivos e processos lexicais culminando na decodificação. Logo, esse entendimento, está atrelado ao processo de memorização. É através dessa consciência que vai se construindo um leitor.

Para a aprendizagem da criança disléxica, respeitar as etapas, dando tempo adequado para que façam a atividade, utilizando recursos visuais, lendo todas as atividades em voz alta antes de iniciar (para garantir a compreensão de todos), é essencial e para isso o professor deve adequar sua maneira de trabalhar, se necessário, afim de permitir que o educando supere suas dificuldades, iniciando com a percepção visual e entendimento do conteúdo explícito no texto, para posteriormente a interpretação de conteúdos implícitos, que de maneira geral são mais complexos.

O aluno com dislexia tem um ritmo diferenciado e rendimento mais lento que os outros, por isso pressionar não colabora com o processo de aprendizagem e ainda pode desencadear uma situação de exclusão deixando o aluno desestimulado e suscetível a ser indisciplinado por não se enxergar capaz.

O fracasso na compreensão da linguagem e leitura inevitavelmente fará com que o aluno tenha dificuldades em outras disciplinas, pois será incapaz de decifrar exercícios e textos. Este aluno que não lê, usualmente é melancólico, agressivo e angustiado, na mesma proporção a leitura para este indivíduo é a superação destas dificuldades. A possibilidade de uma dificuldade como a dislexia deve ser comunicada imediatamente aos responsáveis do educando visando uma ação em parceria.

O QUE DEVE SER MUDADO PARA A MELHORIA NO ENSINO

A necessidade de "mudança" na educação, de forma geral é um assunto complexo ao se falar de políticas educacionais, pois as muitas críticas aos sistemas antigos de ensino são baseadas em argumentos plausíveis, porém "mudança" não é sinônimo de melhora, as muitas teorias de aprendizagem evidenciam isso. As necessidades são individuais e enquanto esse atendimento não conseguir suprir individualmente, sempre haverá lacunas de alunos que não se adaptaram a determinada metodologia.

Existe sim, uma falta de preparo de muitos que estão envolvidos no processo de aprendizagem, desde escola até as famílias, e, consequentemente a sociedade. Enquanto um professor inclui o coleguinha de sala, exclui e vice-versa. O aluno que possui uma dificuldade de aprendizagem necessita ainda mais que os outros, contextualizar o lúdico, de forma que o seu conhecimento seja despertado não de forma impositiva, mas através do interesse.

Atualmente, uma série de implementações com alterações de conteúdo, metodologias e formas de avaliação vem acontecendo em todas as esferas nacionais, partindo da educação federal através da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. A sociedade pede essa mudança por enxergar a evolução digital como um impulsionador nesse desenvolvimento.

O aprendizado com tecnologias são desafios que até agora não foram encarados corretamente e as adaptações chegam a ser bizarras, pois usar um vídeo em sala de aula colabora com a visualização de maneira lúdica, mas está muito distante do potencial que a tecnologia pode oferecer ao aprendizado de nossos educandos. Os recursos na grande maioria das escolas públicas são mínimos e muitas vezes sucateados, financeiramente, acompanhar a evolução tecnológica é um desafio muito maior que superar as dificuldades da dislexia. Dessa forma muitos educadores entregam tudo de si com o pouco material que possuem.

Essas contradições estão presentes em diversas situações. Nossa sociedade atual exige pessoas com conhecimentos diversificados com uma leitura compreensiva, mas muitas vezes os educandos leem e escrevem o que a escola manda. Desenvolver um hábito de leitura já é um desafio comum

no nível de escolarização, o aluno com dislexia sofre ainda mais nessa situação. A partir de dados do Enem podemos ver o quanto as escolas brasileiras retrocedem tornando contrária as ideias de uma sociedade letrada.

A partir da prática de motivação de pensar e repensar devemos desenvolver sua análise de percepção crítica, bem como fazer e, sobretudo, para o refazer. O objetivo é construir o conhecimento, para estimular a capacidade de reconstruir, um entrelaçado entre o ler e o escrever, à própria prática refletida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se não houver uma mudança de mentalidade do sistema de ensino, incluir simplesmente por incluir, então que não se acabem as classes especiais e APAES, porque o nosso sistema manda incluir, mas não prepara a escola e os educadores para garantir uma verdadeira inclusão.

Na declaração de Salamanca (1994), destaca-se que os governos estabeleçam mecanismos de participação descentralizados para planejamento, revisão e estruturação da educação, para que a aprendizagem seja adaptada às crianças e não as crianças adaptadas ao processo de aprendizagem. E no processo da escola inclusiva é fundamental que todos os educadores que constituem um fator-chave na promoção do processo de aprendizagem, devam ser modelos para as crianças portadoras de deficiência.

A Declaração de Salamanca é clara, mas o que falta para as nossas escolas é o conhecimento do processo da educação inclusiva. Aos nossos educadores falta o conhecimento da lei federal para os portadores de deficiência, falta até mesmo esse conhecimento para o portador da deficiência, se não fosse assim ele exigiria mais do sistema de ensino e muito do que conhecemos mudaria de fato.

O preconceito e a discriminação com relação a alunos com dificuldades de aprendizagem se estendem da mesma forma e são baseados principalmente em conceitos errôneos, ignorâncias e temores herdados da cultura: a sociedade traz ideias distorcidas, ou seja, ignorâncias quanto aos portadores de transtornos e estas ideias interferem na vida da criança que acaba se achando incapaz de viver uma vida normal.

Sabemos que uma pessoa com dislexia pode desenvolver suas habilidades, se a mesma desde muito cedo for estimulada e acreditar em seu potencial.

Todos os alunos têm os mesmos direitos que todas as outras pessoas: de viver com liberdade, criatividade e conforto e de desempenhar a função de sua escolha de acordo com suas capacidades. Só precisam de apoio e de equidade, ou seja, precisa de uma escola inclusiva de verdade, não só uma utopia, inclusiva com seriedade, capaz de incluir o estudante na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

BUNCE, Betty H. (1996). **Linguagem de sala de aula**. In GERBER, Adele. Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: sua natureza e tratamento. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas. P.136-157.

CONDEMARÍN, Mabel BLOMQUIST, Marlys (1989). **Dislexia; manual de leitura corretiva**. 3ª ed. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas.

DURANTE, M. **Alfabetização de Adultos: Leitura e Produção de Textos**: Porto Alegre: Artmed,1998.

FERREIRO, E. **Alfabetização e Cultura Escrita**. Revista Nova Escola, São Paulo, Maio 2003.

FOUCAMBERT, J. A. **Criança, o Professor e a Leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GARCIA, Jesus Nicasio. (1998). **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas.

HOFFMAN, J. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

HOUT, Anne Van, SESTIENNE, Francoise. (2001). **Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento**. 2ª ed. Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas.

JAMET, Eric. **Leitura e aproveitamento escolar**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2000.

SANTOS, Maria Thereza Mazorra dos; NAVAS, Ana Luiza G.P. **Distúrbios de leitura e escrita: teoria e prática**. São Paulo: Editora Manole Ltda., 2002. 389p

DISLEXIA: Sugestões para professores. Disponível em: < http://www.portaltrocandoideias.com.br/?p=2644 > Acesso em: 12 de agosto de 2014.

EDIR, Anne Caroline De Brito; MATOS, Larissa Aves Leite; MEIRA, Heliana Beatriz Barbosa: **A Neurobiologia da Dislexia**. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=1126#:~:text=A%20dislexia%20%C3%A9%20uma%20das,em%20que%20o%20indiv%C3%ADduo%20vive.> Acesso em: 27 de junho de 2020.

LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura**. São Paulo: Ática, 1999.

MARCHESI, A.; MARTINS, E. **Qualidade do Ensino em Tempos de Mudança**. Porto Alegre: Artmed, 2003.